

FRANCISCO ALGAROTTI E TIEPOLO: AS RELAÇÕES ENTRE UM MECENAS E UM PINTOR

Duílio BATTISTONI FILHO

Entre os mecenas venezianos do século XVIII, Francisco Algarotti (1712-1764) ocupa uma posição de destaque, principalmente pelo seu gosto artístico, que ele soube expor com clareza e pelas estreitas relações com os grandes pintores do seu tempo. Considerado um burguês, mas amigo íntimo de príncipes, divertiu-se com o Iluminismo da época, embora continuasse estreitamente ligado à ordem antiga. Possuía um caráter excepcionalmente receptivo, aberto a todas as experiências novas que entravam em evidência na Europa. Por isso, quando se quer medir a influência que exerceu sobre os pintores de seu tempo é importante investigar quais foram suas idéias e em que momento exato entrou em contato com os pintores de Veneza, notadamente *Giovanni Battista Tiepolo (1696-1770)*.

Algarotti recebeu uma educação esmerada. Estudou principalmente as ciências naturais e matemática e interessou-se pelas artes quando viajou por Pádua, Vicenza, Verona, Florença e Roma. Nessa última permaneceu cerca de um ano onde pôde admirar suas velhas ruínas, principalmente o Panteão que considerava superior a São Pedro e algumas pinturas na Galeria Farnese. Residiu em Paris, onde conheceu Voltaire, e também em Londres. Ao visitar a Prússia, ganhou do imperador Frederico II o título de conde, em 1740. Entretanto, um desentendimento entre os dois fez com que Algarotti rompesse com ele. Dois anos depois, estava em Dresde, trabalhando para Augusto, Eleitor da Saxônia. Com ele elaborou um grandioso projeto de ampliação e enriquecimento da galeria de arte que Augusto estava formando. Até

então, as galerias de arte geralmente eram construídas segundo os gostos pessoais do colecionador. Algarotti rejeita essa concepção e a substitui pela perspectiva do historiador. Para ele a galeria deve refletir toda a história da pintura e dos melhores representantes de todas as escolas. Na época os mecenas percebiam que as encomendas de quadros que contivessem animais e paisagens eram dirigidas, respectivamente, a Castiglione e Claude Lorrain.

Quando de sua estada em Paris, Algarotti ficou fascinado pela pintura rococó francesa e há indícios de que tenha buscado inspiração em artistas mais apreciados na Europa do Norte do que em sua cidade natal. Começa a escrever uma longa série de livros e artigos que iriam constituir a sua mais importante contribuição à cultura italiana. A partir da segunda metade do século XVIII assume uma importante participação como mecenas e crítico no mundo artístico internacional.

Depois de ter deixado Veneza aos 20 anos somente voltou a sua cidade natal para três períodos relativamente curtos: numa boa parte do ano de 1737; em 1743-45 e em 1753-56. Somente nessas três estadas é que esteve em contato direto com artistas venezianos, dos quais se proclamava defensor, mecenas e crítico.

Examinemos com um pouco mais de detalhes as idéias que professou durante sua vida artística veneziana. Apreciava muito os artistas de sua cidade pela sua sensibilidade, sutileza e o domínio das cores. Por isso iniciou uma grande amizade com Tiepolo por causa de sua intensa espiritualidade e sua forte ligação com a História. Era unanimemente considerado o maior pintor de Veneza. Dele, Algarotti envia ao Conde Bruhl, em 1744, o quadro *O Banquete de Cleópatra* e mais outros dois *As Belas Artes levadas pelos mecenas ao trono de Augusto* e o *O Império da Flora que transforma em locais deliciosos os lugares mais selvagens*. Ambos refletem as intenções do pintor de mostrar os jardins suspensos e a fonte de Netuno. Algarotti ressalta particularmente o classicismo e a exatidão das duas cenas, tendo todo o cuidado possível na escolha da escultura antiga, assim como dos uniformes corretos.

Mais ou menos na mesma época em que encomendou esses quadros para seu ilustre patrão da Saxônia, ele ganhou de presente de

Tiepolo o quadro *O Banho de Diana*. Nessa obra, de forte conotação clássica, o artista mostra uma preocupação muito diferente. Trata-se de uma cena de abandono e de muita sensualidade, com ninfas nuas no estilo que Boucher pusera em moda em Paris. Nessa fase Algarotti fez algumas incursões pelo desenho e águas-fortes por puro prazer e diletantismo. Por mais que elogiasse em Tiepolo o artista culto, segundo o espírito de Rafael ou de Poussin, era igualmente atraído por outro aspecto da pintura dele: a imaginação e a fantasia.

Algarotti encontrou meios de ampliar a coleção de quadros de sua família. Guardou esboços e réplicas de muitas telas novas e antigas que tinha enviado a seus amigos; muitas vezes, quando adquiria uma obra que não se adequava a uma coleção real, guardava para si. Reuniu uma coleção de mais de duzentos quadros e grande número de desenhos. Certamente, Tiepolo se destaca de seus contemporâneos com cerca de treze pinturas e cento e dezesseis desenhos.

Durante toda a sua vida tomou muito cuidado em oferecer presentes caros às pessoas certas. Encomendava quadros para grandes personalidades como Walpole, na Inglaterra, para o papa, em Roma, e para os grandes centros europeus.

Em toda obra que encomendou, Algarotti exigiu que Tiepolo conciliasse dois estilos contrastantes da pintura: o romano e o veneziano, o culto e o imaginativo, o clássico e o pitoresco. Jogou com todos os artifícios do neoclassicismo nascente, mas seu coração permanecia preso a uma tradição mais antiga e menos austera. E por isso que considerava Tiepolo o pintor ideal e porque via com tanta satisfação a admiração desse artista pela Antiguidade.

No fim de sua vida, Algarotti pediu a Tiepolo que pintasse quadros de pequena dimensão e refreasse suas fantasias, devido ao pouco interesse das grandes personalidades e instituições em ter quadros de grandes dimensões. Foi sempre muito respeitado como mecenas, apesar de ser vacilante em muitas de suas opiniões. Todos os seus contemporâneos consideravam que seu traço mais importante foi o desejo de agradar e que suas preferências sexuais foram tão instáveis quanto suas opiniões artísticas. Todavia, encontrou leitores mais sensíveis num mundo que lhe era mais simpático - o dos artistas e teria ficado

muito feliz em saber que, mais de trinta anos após sua morte, John Constable passava longas noites de inverno estudando suas obras.

OBRAS CONSULTADAS

- ⁽¹⁾ Haskell, Francis. *Mecenas e Pintores*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- ⁽²⁾ Hautecoeur, Louis. *História da Arte*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1963, vol. 2.
- ⁽³⁾ Mahler, Jane Gaston. *Histoire Mondiale de l'Art: du baroque au romantisme*. Paris, Marabout Université, 1966.
- ⁽⁴⁾ Hauser, Arnald. *História Social de la Literatura y el Arte*. Madrid, Ediciones Guadarrama, 1969.